

O Trabalhador

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa
1 DE MARÇO DE 1939

Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.^{da}

Redacção e Administração: R. Capelo, 5 — 2.ª, Eq.
QUINZENARIO — Avulso \$30

O direito à vida

Desde que o homem é concebido no seio de sua mãe, adquire o primeiro direito: o direito à vida. Todo o atentado contra a sua vida é um crime grave, dos mais graves que se possam cometer.

Este direito é tão forte e soberano que todo aquele que vir a sua vida directamente ameaçada pode defender-se, por todos os meios ao seu alcance.

São estes os princípios de moral que ninguém discute.

O direito à vida impõe deveres a todos aqueles que têm obrigação, por officio, de defender a vida de outrem.

Examinemos essas deveres. E o primeiro lugar os dos pais.

Concebido um ser humano, tem a mãe obrigação grave, em consciência, de fazer tudo para que ele venha a nascer forte e saudável.

Pela mesma razão, fica a mãe proibida de fazer, seja o que for, que venha a prejudicar a saúde o a vida de seu filho.

O aborto é um crime tão grave como o assassinato, porque é «morte de homens».

Depois do nascimento, não aumenta a gravidade dos deveres, mas aumentam os cuidados a ter com os filhos para lhes conservar a saúde e a vida. Têm os pais o dever de cuidar da sua alimentação e da sua educação.

Por ela tudo devem sacrificar, mesmo a sua própria vida. É um absurdo crimi-

noso deixar morrer as crianças sob pretexto de que vão para o céu. Sabemos que, tendo sido baptizadas, vão para o céu. Mas o dever dos pais não é mandar crianças para o céu. É conservar-lhes a vida, é defender-lhes a vida. É esta a vontade de Deus.

O filho tem o direito de acusar os pais, se, por culpa deles, recebeu uma vida doente, atribulada, fraca. Tem o direito de acusar os pais, se, por culpa deles, recebeu uma vida tão precária que virá a perdê-la irremediavelmente numa morte antes do tempo. São, por isso, grandemente criminosos os pais que, gastando o dinheiro na taberna, na estúrdia ou no jogo, deixam em casa os filhos a passar fome.

Os pais não são, porém, responsáveis se, fazendo tudo o que podem, não obtêm o suficiente para conservar saudável e forte a vida dos filhos. Neste caso, passam a ser responsáveis outros: os ricos, se não distribuem em salário suficiente o que lhes sobra; o Estado, se não emprega todos os seus recursos para defender a vida dos membros pobres da sociedade.

O liberalismo tentava resolver este grave problema da insuficiência dos salários para defender o direito à vida, aconselhando o sobre a não ter filhos. Era uma solução egoísta e criminosa. Egoísta, porque era ditada pela ambição de guardar para desperfício individual a riqueza dos pobres. Criminosa, porque o direito

à vida impõe o dever de a transmitir.

Nos tempos que vão correndo, em, que tanto se berra contra o liberalismo, não se compreende que se combata aquilo que se pratica. Mas, infelizmente, é difícil levar todos a praticar as doutrinas que apregoam.

Desenvolvendo: se alguém, com baixos salários, ou com o desemprego injustificado, retira aos pais a possibilidade de proteger a vida dos filhos e a sua própria vida, esse comete um crime contra a vida alheia e assume responsabilidade tremenda diante de Deus; se o Estado — no caso, os homens que o servem, por officio — se desinteressa do dever que tem de defender a vida dos pobres, assumem eles essa responsabilidade.

Quando os homens são maus, não é o Estado responsável, se aqueles cujos interesses são lesados lhe não dão o apoio necessário para que tenha força suficiente para cumprir o seu dever.

Resumindo: reparaí nos vossos deveres! Não tendes nada que vos pese na consciência?

Se não tendes, e a-pesar disso, não podeis cumprir o vosso dever para com os vossos filhos e para com vós mesmos de proteger e prolongar a vossa vida e a vida deles, uma só coisa vos resta: fazer a união à volta dos Sindicatos Nacionais e à volta do Governo para os ajudardas a eles poderem cumprir os seus deveres.

A. V.

Queres ser respeitado? Respeita os outros.

Queres ser prestigiado? Prestigia-te a ti mesmo.

Queres ser amado? Ama os outros, teus irmãos.

Queres que respeitem os teus direitos? Começa por respeitar os direitos alheios.

Se não cumprires o teu dever para com os outros, não tens direito a reclamar que os outros cumpram os seus deveres para contigo.

Examina a consciência, e só depois de veres que cumpriste todo o teu dever, é que podes começar a ter direito a reclamar e a protestar.

Abusos que devem acabar

Longe de nós acreditar que o facto é vulgar ou que tudo está tão podre como isso. Não! Começamos por louvar o esforço de tantos que têm trabalhado hercicamente para levantar o nível moral da gente da nossa terra.

Queremos, porém, fazer-nos eco dos vários queixas que temos recebido de pessoas altamente cotadas e que nos pedem para protestarmos contra um abuso grave que, de vez em quando, enche de indignação as almas bem formadas.

Queremos referir-nos ao abuso que se faz dos operários, nas fábricas e nos escritórios. Muitas vezes, estas infelizes, para não perderem o pão que é seu e dos seus, consentem em actos torpes com que a malícia dos homens as seduzem.

Toda a nossa alma se sente revoltada contra tão graves desmandos que, além de serem um peccado grave, são um grande abuso de autoridade.

Formemos, camaradas, à volta dos raparigas uma muralha de respeito que impeça esses abusos. Denunciemos os cobardes que os cometem. Salvemos as nossas irmãs, as nossas futuras esposas do perigo que as ameaçamos.

Acima de tudo a sua honra! Maldição — aqueles que, abusando do seu poder ou autoridade, a violam e a ultrajam.

Instantâneos

Agradecemos muito reconhecidos aos Sindicatos Nacionais que nos tem escrito a amabilidade dos seus elogios. Guardaremos com muito carinho as suas provas de gratidão pelo pouco que por eles temos feito.

Parece-nos que alguma coisa se fará em prol da sua defesa.

Foi a seguinte a Moção que a Assembleia Nacional aprovou por unanimidade, como consequência do debate sobre organização corporativa sindical levado à Assembleia pelo nosso colaborador, sr. P.^o Abel Varzim:

«A Assembleia Nacional, apreciando no seu justo valor, a obra social realizada através da organização do trabalho nacional e a valioso concurso prestado ao seu desenvolvimento por muitas organizações patronais, mas tomando conhecimento de certo número de actos reveladores de incompreensão ou hostilidade contra a organização operária,

Confia em que o Governo mantenha o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência nas condições de exercer uma acção eficaz no sentido de valorizar os sindicatos nacionais e da realização de uma melhor justiça social.

Parece-nos que a situação irá melhorar e que se acabará de uma vez para sempre com a tendência de alguns patrões em liquidar os sindicatos nacionais que, se bem os compreendessem, poderiam vir a ser os seus melhores colaboradores.

Várias queixas continuam a chegar à nossa redacção, reclamando contra abusos que já não deveriam existir.

Neste número não os publicaremos. Ficamos à espera de que as coisas melhorarem com este ar novo que sopra a favor da Justiça Social e que esperamos virá revigorar os ânimos e trazer à razão muitos que andam fora dela.

E mais uma experiência que se faz. Depois veremos.

A Companhia Cerâmica Lusitana participou nos não serem verdadeiros as informações que nos foram dadas sobre abusos cometidos na sua fábrica do Arco do Cego. Desconhecemos-nos.

Vamos fazer um inquérito pessoal sobre o assunto e depois diremos da nossa justiça, pois só a justiça é que nos interessa.

PIO XI E O OPERARIO

O imortal Pontífice que a morte nos levou foi um grande amigo dos operários. Vendo uns, seduzidos, a assumir da raiva; vendo outros esprezinhos pelo liberalismo ou pelo egoísmo; vendo ainda outros submersos na incerteza da sua vida e do seu futuro, não pôde calar a Sua voz de representante de Cristo-Operário na terra e publicou a imortal Encíclica «Quadragesimo Anno», que há-de ser sempre a tábua de salvação a que nos devemos agarrar, sempre que alguém, em nome do razão (a deusa falida) ou do bom senso (o cómodo argumento) achar demasiado esquerdismo o nosso entusiasmo por uma melhor justiça social.

Com que amor e carinho falou Pio XI dos operários, «os seus filhos predilectos, pela Divina Providência confiados de maneira especial à Sua guarda e empenho!» Com que entusiasmo ataca a injustiça da sua merecida miséria!

Com que vigor condena o regime social que permite a exploração do trabalho em favor de um reduzido número de privilegiados!

«Le aquela encíclica, medita-la, compreendê-la, obedecer-lhe é o nosso primeiro dever. É também o dever de todo aquele que, na transformação da vida social, quiser marcar o seu lugar.

Os graves problemas do salário em relação com a vida económica; o salário familiar; o trabalho das mulheres e dos menores; a previdência, tudo emfim que se liga com a vida económica ou social ali está estudado definitivamente, com Mão de Mestre, dessa Mestre que falou em nome de Cristo-Operário, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Como são insensatos aqueles que, dizendo-se católicos, praticando os preceitos da Igreja, não querem saber dos ensinamentos e das advertências do Papa, e, julgando-se mais papistas do que Ele, acusam de loucura, de exagério, de demagogia os que ouviram, compreenderam, ensinam e praticam os únicos doutrinas da salvação social!

Pio XI bem advertira a todos! A Sua voz é bem clara e, em Espanha, deveria ter sido ouvida. Não o quiseram! Aquilo que o Papa previra na Sua Encíclica, realizou-se plenamente.

A voz da Igreja nunca fala em vão! Não condena por condenar, não advertir por advertir.

Compreendê-la, segui-la, obedecer-lhe é o nosso primeiro dever. Católicos, como somos, passáremos a ser traidores, se diminuirmos o sentido das Suas palavras, se nos calássemos quando nos manda falar, ou se, por medo de represálias ou vinganças, ocultássemos o sentido profundo da Justiça que nos ensina.

Preferimos morrer a sermos traidores à Igreja a quem juramos, pelo nosso baptismo, obedecer e seguir.

Eterna gratidão vai, porta este grande Papa que agora de do número dos vivos. Quanto l os operários do mundo inteiro lhe deve a Justiça e a Paz so.

Mos nós, portugueses, não portugueses, devemos ao Sumo Cé, particular gratidão! Ougam Ele escrever a Sua Eminência, Cardinal Patriarca, numa Cart cêlebre em todo o mundo:

«A Igreja, tendo tido como vino Aquêlle que quis ser cons chamado o filho do carpinteiro zaré, manteve-se sempre, como licito, ao lado dos operários, e da-os com a excelência da su na e assíduos desvelos, de ig escravidão, elevou-os à ditosa de irmãos de Cristo. Hoje, mostra especialissimo cuidado p tidões de humildes trabalhado que possam não só alcançar o os bens que lhes pertencem por justiça, mas ainda, para os ar enganosa e periterra influênci nismo, o qual, ao mesmo tei com diabólica perfídia, se es apagar do mundo a luz da rel os libertou, os expõe a um pei de cair, em um dia, na antigu nhosa escravidão, de que tinhan bertados com tanto trabalho.

Por isso, a Igreja exorta a seus filhos, tanto eclesiásticos gos, mas, sobretudo, aos que t na Acção Católica, a que a auxi ta empresa tão necessária de dar para todo o género human cipalmente em favor dos mais e benefícios espirituais e tempo Redenção de Cristo nos alcança

De modo especial, pedimos e novo, ao Clero, como já fizemo cíclica «Quadragesimo Anno», demora, com entusiasmo e conc dê a esta obra sumamente indi à salvação das almas, para que dos nossos filhos que, com tã perigo de suas almas, passaram tes socialistas, jamais usem al sua desculpa, que os ricos são do pela Igreja e pelos que se p unidos à Igreja; que se não f dos operários, nem dêles se oc que, por esse motivo, tiveram de enfileirar nos hostes socialistas, i tarem dos seus interesses». (Car S. Pio XI a S. Eminência, o Sen dial Patriarca, de 10 de Nove 1933).

Não será outra a voz que n os possos no nosso apostolado, missão de defender os operários sua miséria moral e material.

Benditos aqueles que Aaju salvar os operários.

Operários portugueses! Etern dão à memória daquele que a defendeu! Eterna gratidão ao imo trífice, Pio XI.

Um agradecimento

Recebemos a seguinte carta:

Ex.^{ma} Director de «O Trabalhador»: «A classe operária de Torres Vedras não pode deixar de agradecer a V. os benefícios que por intermédio de «O Trabalhador» conseguiu auferir durante o passado ano de 1938.

Obedecendo à legislação, a grande fábrica HIPÓLITO concedeu férias pagas a todos os seus operários, e a próspero fábrica FRANCISCO ANTÓNIO DA SILVA, além das férias com vencimentos, ofereceu a cada um dos seus operários uma gratificação correspondente a três dias de salário.

Os trabalhadores, contentes porque começaram já a ter a prova de que não há-de ser eternamente uma classe de esquecidos, nesta carta de profundo reconhecimento, agradecem a V. o interesse que o seu Jornal por eles manifestou, fazendo votos para que por parte de alguns patrões ainda fora da Lei, sejam concedidos a muitos dos seus camaradas

de trabalho regalias idênticas às já gozarem e a que têm direitos

Homenagem a Salazar

Na hora em que escrevemos et cia, está em activa preparação o sa homenagem que os Sindicatos nais, apoiados pelas organizações rativas patronais vão prestar ao E nhor Doutor Oliveira Salazar.

Como o nosso jornal não pod número, fazer o relato do ma manifestação, para o próximo núm remos aos nossos leitores uma r do grandioso acto de justiça que rariado português vai fazer ao E zar.

Esperamos que a simples fact manifestação se realizar com ções que se anunciam, bastará p compreender melhor a justiça assiste.